



AGNÈS VARDA CINEMA SEM BITOLAS

Entrevista a Celina Luz

UMA das presenças significativas no II Festival Internacional do Cinema, do Rio de Janeiro, Agnès Varda veio dos Estados Unidos, onde está temporariamente radicada, com seu marido, o cineasta Jacques Demy, também presente ao FIF. De início, não pretendia filmar nos Estados Unidos: apenas acompanharia Demy. Mas apaixonou-se pelo país e por sua gente e já realizou dois filmes: um curto sobre o Poder Negro (*Black Panthers*) e um longo ainda sem título.

“A ‘América’ é apaixonante, é o país mais avançado do mundo”. A cineasta de *Le Bonheur* (As Duas Faces da Felicidade) impressionou-se com a ousadia com que a mocidade americana critica os padrões de vida, os costumes, as autoridades. “Uma juventude que procura outros caminhos e contesta abertamente os que lhe oferecem”.

A produção americana, para Agnès Varda, “corresponde ao cinema de consumo que é solicitado, mas não resulta no cinema de expressão que é necessário. Mas “o cinema de consumo também exprime alguma coisa: pode produzir obras expressivas sem pretende-lo expressamente”. E Varda tem um gosto eclético frente ao cinema americano. Aprecia em especial Orson Welles e Andy Warhol, Fred Zinnemann e Shirley Clarke, John Ford e John Cassavetes.

Agnès Varda é uma das raras cineastas que, tendo construído seu prestígio na curta-metragem e na longa, ainda faz e continuará fazendo filmes curtos. *Black Panthers*, sobre o grupo agressivo do Poder Negro, tem 30 minutos de projeção. Já foi vendido e será exibido em salas que não pertencem aos grandes circuitos. “Os ‘panteras negros’ são os mais eficientes batalhadores do Black Power. Um dos primeiros líderes, Newton Cleaver, prêsó durante uma manifestação, em agosto de 1968, teve em favor de sua libertação uma grande campanha. Filmei todos os ‘meetings’, entrevistei outros integrantes do movimento. Conversei com o próprio Cleaver e o filmei, sem dificuldades, na prisão”.

O título do segundo filme, o longametrage, poderá ser *Lion's Love*

ou *Before the Earthquake* ou *Coffee*. Conta a história de três “jovens leões”, três atôres que vivem em Hollywood, “esperando o grande tremor de terra que vai lançar ao mar a Hollywood decadente”. Dois dos protagonistas (James Rado e Jerome Ragni) foram revelados na famosa peça teatral “Hair”, e o terceiro trabalhou em filmes do “underground cinema” dirigidos por Shirley Clarke e Andy Warhol. Varda, aliás, é insistente em afirmar sua admiração por Warhol, que considera “um dos maiores cineastas da atualidade”.

Agnès Varda defende a liberdade total na criação artística. “Nunca me impressionei com qualquer aspecto técnico do cinema; não me interessa”. Diz que “as pessoas que sabem o que querem não precisam mudar seu jeito de fazer as coisas”. Quer fazer os filmes que deseja “e não passar a vida fazendo filmes políticos”.

“Aceito a opinião de todo mundo. Leio tôdas as críticas com atenção. A crítica e os cineclubes mudaram a mentalidade do público. E os críticos, quando inteligentes, são intermediários entre o autor do filme e o espectador. Mas não gosto de críticos do tipo literário, que se embriagam com suas próprias palavras, e não sabem o que dizer. Nisso os ‘Cahiers du Cinéma’ sempre foram excessivos. Truffaut, Godard, Rivette, Rohmer começaram assim, antes de conhecerem na prática a realização cinematográfica”.

Até certo ponto, Agnès Varda acredita nas influências que possa ter recebido de outros cineastas, e nas que exerceu, por exemplo, sobre Alain Resnais. Este reconheceu publicamente “dever muito” a Varda. “É possível” — diz Agnès, levantando ligeiramente os ombros — “já que êle disse”.

Varda aponta Robert Bresson como um dos maiores cineastas da atualidade: “se não influenciou diretamente, marcou toda uma geração de cineastas; e não só franceses, mas também italianos, como Pasolini”.

Seus favoritos no cinema italiano — pelo qual manifesta especial admiração — são Visconti, Fellini, Rossellini, Pasolini, Bertolucci. Também aprecia os cinemas tchecos, poloneses e húngaros.



Corinne Marchand em “Cléo de 5 à 7”



Claire Drouot e Jean-Claude Drouot em “Le Bonheur”